

Os desafios de uma cidade em movimento

Explosão demográfica extrapola o planejamento inicial e não consegue ser acompanhada pela oferta de novos empregos

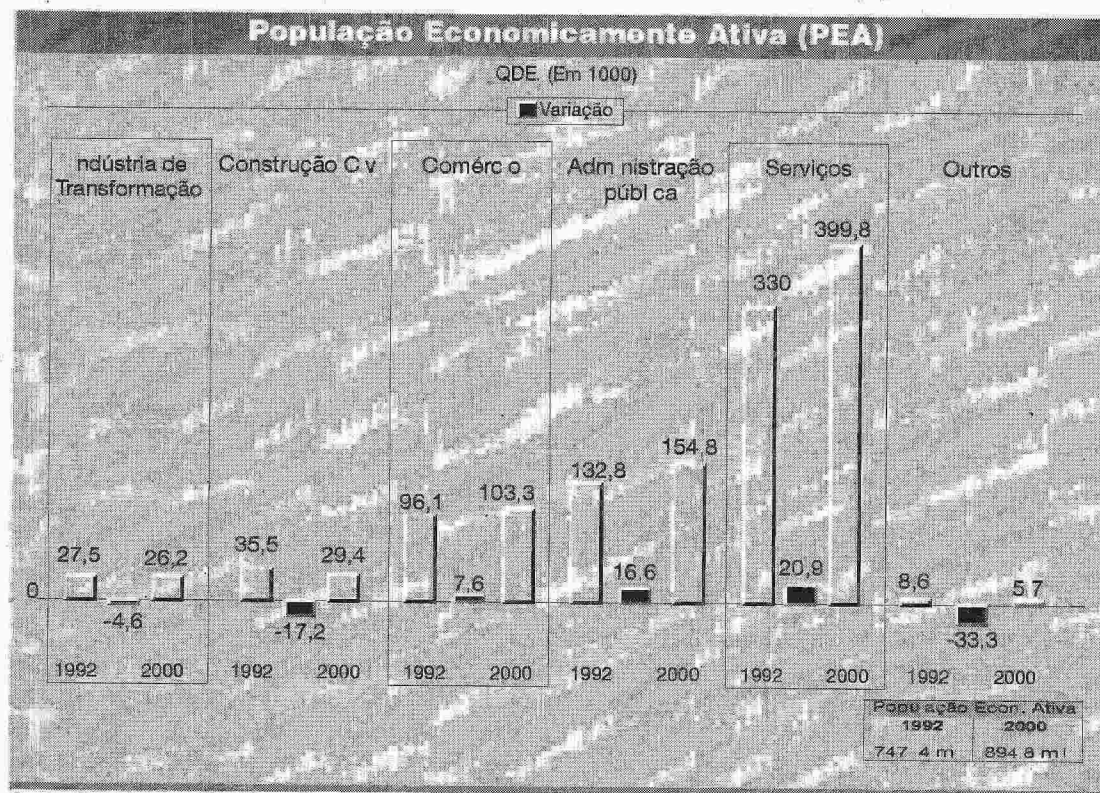
Cíntia Sasse e
Fernanda Loureiro
de Brasília

O ex-governador José Ornellas de Souza Filho chegou a Brasília em 1973 trazendo a esposa Zeli dentro de um Fusquinha para coordenar um projeto de Educação a convite do ex-ministro Jarbas Passarinho. Trabalhou por oito anos na Telebrás e foi nomeado governador do Distrito Federal em 1982 pelo presidente João Figueiredo.

Ornellas já está há 28 em Brasília e, durante este tempo, chegou à conclusão de que a vocação da capital está na prestação de serviços e que o futuro se volta para os segmentos de informática e turismo. "Ela foi construída para ser uma cidade da tecnologia. Nunca será uma cidade industrial, apesar dos esforços do programa de incentivo do governo local, o Pró-DF. A política é não trazer a indústria pesada e poluente", diz. O ex-governador acredita no sucesso do Pró-DF, mas critica a falta de planejamento em termos de infra-estrutura para receber as empresas.

Quando Ornellas desembarcou na cidade, as quadras já estavam prontas. A Asa Norte não tinha quase nada e a vida social pulsava na W3 Sul. O ParkShopping, o Arquivo Público, o Museu de Arte e o Jardim Botânico foram inaugurados no seu governo, época em que imperavam exigências no campo da infra-estrutura organizacional da cidade.

Hoje o ex-governador aler-



Fonte: Secretaria do Trabalho e Recursos Humanos

ta para as modificações pelas quais a cidade passa. Afirma que é preciso tomar cuidado com a proliferação de shoppings center, para não matar o pequeno comércio, e para a necessidade de se exigir do governo que não altere as posturas idealizadas por Lúcio Costa, agora que a carência por áreas, principalmente residenciais, é evidente.

"A cidade estará sempre mudando e tendo que ser readequada, uma vez que foi planejada para receber poucos e hoje aloja o triplo de pessoas. O que precisamos é de gente que saiba gerenciar essas adequações, criando

emprego para os que deixam as faculdades", afirma Ornellas, que coordena a Assessoria Parlamentar da Federação do Comércio do DF.

De fato, a explosão demográfica no DF e no Entorno extrapola o planejamento inicial. O Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) revela que o eixo Brasília/Anápolis e Goiânia, com 7 milhões de habitantes, é a região metropolitana que mais cresceu nos últimos dez anos. A taxa de migração na região está estimada em 2,5%.

O ritmo acelerado do crescimento populacional não consegue ser acompanhado

pela taxa de oferta de novos postos de trabalho. "Existe um desemprego estrutural no DF", define o economista Eduardo Starosta. A Secretaria do Trabalho e Direitos Humanos do DF calcula que em março a taxa de desemprego chegou a 19%. As pessoas em idade e condições de trabalho são 918 mil pessoas, das quais 743 mil possuem carteira assinada. "O Plano Diretor não previa um crescimento tão acelerado da migração e do processo de industrialização. São 4 milhões de pessoas que atualmente vivem do DF e Entorno", estima o economista.

Uma das consequências desse acelerado crescimento demográfico reside na capaci-

dade em atender às crescentes demandas sociais (emprego, educação, saúde, habitação e segurança pública), dado o descompasso entre os índices de crescimento econômico local versus o da demografia. Apesar dessas pressões, o Distrito Federal tem enfrentado esses problemas de forma peculiar, priorizando o incentivo à maior participação do setor privado no PIB da região. A indústria já participa com 10,58% e a agropecuária, com 0,5% do Produto Interno Bruto do DF, estimado em R\$ 25 bilhões pelo IBGE.

Renda

A significativa parcela populacional composta de classe média de alto poder aquisitivo e elevado nível de escolaridade contribuiu para alavancar este interesse. Brasília responde por 27,62% da renda urbana do DF, estimada pela Codeplan em R\$ 2,468 bilhões/ano. É esta cifra que tanto tem atraído empresas e indústrias, interessadas em parte deste atrativo potencial de consumo.

A análise histórica do de-

envolvimento socioeconômico do DF permite traçar períodos marcantes e que se tornaram indispensáveis à compreensão da economia e do mercado de trabalho atual. Na década de 60, quando houve o grande movimento migratório de trabalhadores para o imenso canteiro de obras da nova capital, a construção civil era o setor mais dinâmico da economia, com elevada absorção de mão-de-obra.

A capital foi crescendo, e as necessidades materiais dos candangos impulsionou o comércio. Nos anos 70, o setor público ganhou peso na estrutura ocupacional e firmou-se como atividade mais dinâmica da economia, ao passo que a construção civil ia perdendo fôlego - as principais obras da capital estavam prontas.

A principal mudança econômica acontece na década de 90, quando o setor de serviços se mantém como o mais representativo e se fixa como a vocação econômica do Distrito Federal.

(csasse@gazetamercantil.com.br)

(floureiro@gazetamercantil.com.br)